

# Notícias de Guimarães

ANO 20.º N.º 1026  
 GUIMARÃES, 16 de Setembro de 1951  
 Redacção e Edm., R. da Rainha, 56-B Tel., 4313  
 Comp. e Imp., Tip. Ideal, Tel., 4381  
 VISADO PELA CENSURA  
 — AVENÇA —

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

## A AMIZADE

Não é possível viver feliz sem a ventura de ter, ao menos, uma verdadeira amizade. Amizade não quer dizer camaradagem, companheirismo, relações de simples afeição. Quem possui e sabe conservar um único amigo, deve considerar-se afortunado e, ao contrário, desditoso aquele que não possui nenhum, ou pior ainda, que julga ter muitos. Existem indivíduos com todas as qualidades para serem considerados excelentes, contudo não conseguem amizades ou as perdem com suma facilidade, por serem excessivamente personalistas, o que afasta a possibilidade de amistosa convivência com estranhos.

Outros há com a particularidade de fazer muitas relações, contar vários amigos, graças a qualidades legítimas de admiração que inspiram, de tolerância, de indulgência, de altruísmo que manifestam. Desconfiamos, entretanto, dos que se cercam de numerosos amigos e se dizem amigos de todo o mundo.

A amizade para ser verdadeira tem por base a confiança mútua e por inspiração a simpatia e a sinceridade recíprocas. Fora desses factores não é possível haver amizade, a qual se caracteriza, ao demais, pela sua constância e absoluto desprendimento.

A natureza humana pede convivência, deseja aproximação, almeja afecto e apoio. Orientada por essa instintiva tendência, constituíram-se os agrupamentos, estabeleceram-se normas de civilidade que impõe trato cortês, amabilidade e urbanidade. Sejamos pois, corteses e delicados com todos; amigos de muito

raros ou só de um que nos mereça excepcional estima e confiança. Não devemos prodigalizar, levemente demonstrações de amizade, inspirada por enganadoras aparências de momento. Amizade perfeita é união espiritual de duas pessoas que se assemelham pela virtude e, como diz Aristóteles, se ligam, desejando mutuamente o bem, — porque de natureza, são boas. Basta, no entanto, uma das partes infringir a pureza dessa aproximação ideal para a amizade se abalar e se romper.

Tais são as exigências para uma amizade ser considerada perfeita, que raros se tornam verdadeiros amigos fora da intimidade.

A amizade faz-se em todas as idades por força da simpatia; consolida-se com a constância e o tempo; sublima-se com o desprendimento e a dedicação.

O verdadeiro amigo é o guia insubstituível, o apoio imensurável nas horas difíceis. Coelho Neto disse bem: «Quem entra na vida, que é uma densa floresta cheia de precipícios e de perigos, deve fazer a escolha dos amigos. Aquele que se fia, sem exame, no primeiro que encontra, na hora da adversidade acha-se sozinho».

Para haver amizade cumpre haver conciliação de temperamento e acordos do querer. A nossa grande necessidade na vida, diz Carlyle: «é alguém que nos faça querer o que podemos. Grande serviço nos presta o amigo. Com ele somos facilmente grandes. Há nele uma potência sublime que faz surgir tudo o que há de virtude em nós».

## A Rainha D. Teresa

«Do VI Afonso e de Ximena, filha Claros reis de Leão e de Castela Teresa foi, e então, por maravilha Do nosso Portugal, primeira estrela».  
 Manuel Tomás, Poeta Vím. do séc. XVII

Na nomenclatura das nossas ruas e praças vêm-se os nomes do Conde D. Henrique, D. Afonso Henriques, Egas Moniz — figuras precursoras da Nação.

Só o nome da Rainha D. Teresa não aparece em semelhante género de homenagens. Mais ainda: de todo se olvidou o nome desta notável figura de Rainha no quadro das glórias nacionais!

Porquê? Se essa mulher singularmente notável da nossa história pátria governou o condado português durante catorze anos da menoridade do infante D. Afonso, seu filho, por que anda posta à margem, obscurecida na memória dos vimezanenses?

Pois que sabem os meus conterrâneos de afrontoso e indigno na vida desta Rainha para nem sequer lhe conferirem a honra tão banal de a recordarem, onomasticamente, numa placa dos seus aruados cidadãos?

Por ventura já leram nos

«Estudos Históricos e Económicos do Dr. Alberto Sampaio — aquele Vimezanense que no dizer de António Sardinha «pertence em Portugal à alta linhagem dos Herculanos e Gama Barros» — já leram o que a propósito desta varonil mulher escreve.

Atentemos: «No seu governo assentaram-se os primeiros fundamentos da nacionalidade, quase desconhecida nas largas aspirações do marido, tornou-se o primeiro pensamento político da viúva, que o soube sustentar com astúcia e sagacidade».

Com efeito, foi em seu peito e no seu governo que definitiva e resolutamente o anseio da independência do condado português se afirmou.

Por que não reconhecer-lho? Bem sabemos. Uma sombra empanou a virtude da mulher. Foi, porém, tão clarividente e tão forte o seu estro de acção política, que bem podemos desvanecer sua fraqueza de mulher, pelo fulgor da sua flux nacionalista como rainha. Seu pecadilho de amor tem a autorizada absolvição do austero português e insigne

Conclui na 4.ª página.

## EL QUIXOTE

CINGIU O ELMO, A LANÇA E O ESCUDO... EMBORA CONHEÇA A VIDA E SAIBA O MAL QUE ENCERRA, ABATENDO MURALHAS DE ÓDIO E GUERRA, DA BELEZA A SUA ALMA SE ENAMORA.

TOLDA-SE O CÉU... DA CONCHA AZUL DE OUTRORA AS AVES DESCEM QUASE AO RÉS DA TERRA. ACATELAM-SE AS NUUVENS SOBRE A SERRA. CAEM DO ALTO AS LÁGRIMAS QUE CHORA!

PALADINO DO AMOR E DA AVENTURA, DEMANDA O SANTO GRAAL. SUA FIGURA FULGE NA SOMBRA, EXALA UM MAR DE LUZ...

SÓ ELE É DIGNO DE TOCAR NO VASO DE GIRO CANDENTE, QUE ERA O SOL NO OCASO E UNGIU NA CEIA OS LÁBIOS DE JESUS!

AMÉRICO DURÃO.

## FOI IMPONENTÍSSIMA a Peregrinação à Penha

que concluiu com o «Adeus à Virgem» Peregrina

Foi verdadeiramente apoteótica, como apressadamente noticiámos já, a recepção prestada pelo nosso concelho à Virgem Peregrina que nos visitou e que daqui seguiu para Fafe, voltando agora de novo ao Arciprestado, para percorrer os centros das Taipas, Pevidém e Vizela e freguesias limítrofes.

A Procissão de velas do penúltimo sábado foi grandiosa, tendo sido precedida de uma adoração solene ao SS.º Sacramento, com alocação pelo Rev.º Bispo da Guarda, D. Domingos Gonçalves, recitação do terço e bênção Eucarística, dada pelo Rev. Luís Gonzaga da Fonseca, digno Prior de S. Paio.

\* \* \*

A Peregrinação à Penha, que no domingo se realizou, constituiu imponente e grandiosa manifestação, das maiores que o nosso concelho tem realizado.

A cidade começou a movimentar-se de manhã muito cedo. A presença, dentro dos seus muros, da Virgem Peregrina foi motivo bastante para que a população cedo viesse para a rua, a fim de acompanhar e associar-se a todos os actos festivos. Logo que a Imagem da Senhora de Fátima saiu em procissão do templo da Colegiada e deu entrada no amplo Largo da República do Brasil, onde a aguardavam já milhares de pessoas, deu-se início à missa campal, rezada pelo Rev.º Bispo Coadjuutor da Guarda, D. Domingos Gonçalves.

Depois finda a missa e a comunhão aos fiéis — a muitos milhares de pessoas que se encontravam espalhadas pelo grande Largo — a Peregrinação organizou-se e começou a desfilar pelas ruas da cidade a caminho da Montanha.

Os peregrinos, acompanhando as bandeiras das suas paróquias, das associações marianas, das confrarias e irmandades, dos organismos da Acção Católica, desfilarão em massa compacta, em cortejo que parecia interminável, rezando e cantando sempre e com todo o fervor.

Quase no fim do extenso e imponente cortejo seguia o andor de Nossa Senhora. Sobre a imagem caiu, em todo o percurso, uma chuva de flores e eram vibrantes e constantes as aclamações.

E depois, a fechar o préstito, seguiam os Prelados de Braga, D. António Bento Martins Júnior e coadjutor da Guarda, D. Domingos Gonçalves, assim como a Mesa da Irmandade da Penha, presidida pelo sr. dr. João Rocha dos Santos, o Presidente da Câmara Municipal, dr. Augusto Ferreira da Cunha e demais autoridades locais e muitas pessoas de representação no meio.

Em todo o percurso da peregrinação viam-se decorações na estrada. Na Costa, próximo do mosteiro, erguiam-se artísticos arcos regionais e ali grupos de anjos lançavam flores sobre a Virgem Peregrina.

Entretanto e pela estrada de Belos-Ares as camionetas, os automóveis e os carros, num constante vai-vém, conduziam para a Penha muitíssima gente que procurou utilizar-se destes meios de transporte, e a pé, pelos vários caminhos e também pela estrada, multidão incalculável dirigia-se também para o cimo da Montanha. Por isso mesmo muito antes da chegada da Peregrinação, o movimento lá em cima era já enorme.

Já passava do meio-dia quando os Peregrinos começaram a chegar à Penha. E ali, em todos os lados já os aguardavam todos quantos foram mais cedo para presenciar o espectáculo e a ele se associarem.

O desfile foi demorado e emocionante. Os peregrinos encaminhando-se para a grande praça em frente ao Santuário, fizeram ali a sua concentração para assistirem aos actos solenes que tiveram começo com a Santa Missa, celebrada pelo rev. António Teixeira de Carvalho, pároco de Santa Marinha da Costa, com a assistência dos prelados, das autoridades, etc..

Depois, na altura própria, o Rev.º Bispo Coadjuutor da Guarda, num brilhante improviso, louvou os vimezanenses pela fidalguia com que receberam a Virgem de Fátima a quem implorou a paz para o Mundo e a tranquilidade para a Família Portuguesa.

Terminada a missa, foi dada a bênção aos doentes, que, em número considerável, assistiram àqueles actos e ali estiveram a pedir à Virgem de Fátima o seu auxílio e perdão.

O momento foi de grande emoção, enquanto que eram dirigidas a Nossa Senhora as súplicas em nome dos que choram e dos que sofrem, que imploram a Sua divina protecção.

A Grande Jornada terminou com a bênção do SS.º Sacramento aos peregrinos e com o «Adeus à Virgem» que constituiu novo e indescritível espectáculo a que se associaram todos quantos — e eram muitas dezenas de milhar — estiveram na Penha e ali puderam viver um grande dia de fé, horas do maior prazer espiritual.

Depois, a meio da tarde, a Virgem Peregrina seguiu para Fafe e teve despedida afectuosa, tanto no alto da Montanha como cá mais abaixo, no lugar de Belos Ares, onde A vieram aguardar as autoridades e muito povo do concelho vizinho.

Na Penha, no seu Santuário Eucarístico foi descerrada uma placa comemorativa de tão honrosa visita, para que a mesma ali fique perpetuada.

## NA PESSOA DO ILUSTRE EMBAIXADOR

### ANTÓNIO DE FARIA

foi homenageada a CIDADE DE GUIMARÃES

Conforme noticiámos num dos nossos últimos números, o Concelho de Guimarães foi alvo de uma homenagem, no Rio de Janeiro, cerimónia que teve lugar na Casa do Minho e da qual compartilhou o ilustre Embaixador de Portugal e nosso prestigioso conterrâneo Senhor Doutor António Faria.

Vamos arquivar hoje, nestas colunas, para que todos os vimezanenses as possam ler e arquivar com o melhor reconhecimento, as palavras que naquela memorável sessão foram pronunciadas.



O nosso querido Conterrâneo Sr. Comendador Albano de Sousa Guise, fazendo entrega ao Embaixador Dr. António de Faria do diploma de Presidente de honra da Casa do Minho.

(Discurso do Presidente da Casa do Minho Senhor Guilherme Albotm):

Ex.º Sr. Dr. António de Faria, eminente Embaixador de Portugal  
 Ex.º Sr. Dr. Carlos de Barros, muito digno Consul Geral  
 Ex.º Srs. demais componentes da Mesa  
 Ex.ª Senhora Embaixatriz de Portugal  
 Ex.ªs Senhoras Meus Senhores

Em prosseguimento ao programa de festas em homenagem aos diversos concelhos de que se compôs a Província do Minho, encontramos hoje reunidos no «Solar dos Minhotos do Rio de Janeiro» para evocar e homenagear Guimarães, a Terra escolhida e abençoada por Deus para berço Sacrossanto da Nação Portuguesa.

Não lhes vou falar das belezas e realizações dessa terra de sonho porque essa tarefa está confiada ao meu prezado companheiro de Diretoria, o vimezanense ilustre sr. José Sampaio Fernandes Guimarães, que com a sua inteligência e acendrado amor à terra natal, melhor fará desfilar pelas nossas almas o quanto representa no conjunto nacional português o município que homenageamos hoje.

E, porque o orador é de casa, é nosso, conta com a amizade de todos nós, dispenso-me de fazer a habitual apresentação, por desnecessária.

A minha missão, como Presidente da Diretoria, é interpretar os sentimentos de muita admiração da família minhota do Rio de Janeiro para com o nosso comprovinciano, o vimezanense insigne que ocupa o mais alto posto na representação diplomática portuguesa no Brasil, o querido Embaixador Ex.º Sr. Dr. António de Faria.

Não encontro, porém, na modestia dos meus conhecimentos, palavras com que possa exprimir inteiramente a nossa satisfação, em termos, neste momento verdadeiramente grandioso para nós, a presença do distinto Embaixador de Portugal, o minhoto-vimezanense ex.º sr. dr. António de Faria, o qual,

para se tornar ainda mais credor da nossa maior gratidão e impercível reconhecimento pela sua vinda até nós, neste momento em que enalteçamos a sua querida Guimarães, quis dar-nos a honra imensa de valorizar mais ainda a sua visita a esta Casa, que é sua, fazendo-se acompanhar da Excelentíssima Senhora Embaixatriz, Senhora dos mais belos e excelsos predicados que podem ornar uma dama e a quem respeitadamente beijo as mãos e, neste ramo de flores que tenho a honra de lhe oferecer, simbolizo a expressão de muito apreço e admiração dos sócios da Casa do Minho.

Disse há pouco «momento verdadeiramente grandioso» porque louvando Guimarães, o berço da

Conclui na 2.ª página.

## Vária

Gilberto Freyre

Na opinião autorizada de um outro escritor que honra a literatura brasileira:

«A sociologia de Gilberto Freyre é das que se asseguram mais na vida que nas teorias, é mais humana que sistemática.

As descobertas de Gilberto Freyre, as suas análises miúdas, as suas interpretações, as suas sínteses, provêm do homem, da organização lírica, da sabedoria humanizada que é a sua.

Casu Grande & Zenzala, um monumento, é um livro hoje vendido como qualquer romance dos mais vendidos no Brasil.

E está aí Sobrados e Mu-

# Novos PAÇOS DO CONCELHO? O Mosteiro de S. Torcato

(Breves apontamentos)

- 1 -

Era resolução nossa ter posto ponto no assunto, pois não valeria a pena discutir mais, desde que chegamos à conclusão de que o ataque do adversário não é mais do que uma erupção de ódio político, num jornal católico, ataque sem lógica e sem senso.

Fez-nos, porém, algumas perguntas às quais devemos responder.

Quer que lhas digamos para depois nos ensinar em que é ferida a Fé dos católicos com a construção dos Paços do Concelho.

Temos mesmo curiosidade de saber como descalça tão apertada bota.

1.ª Pergunta — Só proibido o que tem anexa uma excomunhão? Não, meu caro Senhor.

Mas, se a construção dos Paços é contra a fé, como diz, é contra as verdades reveladas e ensinadas pela Igreja, e todo o católico que for contra as verdades de fé, as professor, as ensinar, as defender publicamente torna-se apóstata da fé de Cristo e porisso

campos, livro que é um manual. Todo o Brasil do século dezoito e dezanove, interpretado, virado do avesso, remexido nas suas entranhas, medido nos seus valores, avaliado nas suas fraquezas e nas suas forças, por um processo de ver e expor inéditos em nossa literatura e em nossa sociologia. O escritor e o poeta não se escondem com medo do professor de sociologia, ou não se encontram chocando-se. Não. Tudo em Gilberto é sentido e criado como numa composição de poema. Uma força poderosa atravessa o seu livro da primeira à última página... O psicólogo que há nele conduz o sociólogo ao mais íntimo das coisas.

José Lins do Rego.

\*

Já tem encanto a suavidade e o repouso dos nossos Jardins. Vão-se edificando, embora lento e a custo, alguns prédios urbanos. Fez-se parte, e já importante, da canalização da água para o consumo público. Inaugurou-se a imponente fachada ocidental do Mercado. Temos aqui — e vamos estudar com o maior cuidado — o Antepiano de Urbanização da Cidade de Guimarães.

Mas a calcetaria das ruas, mesmo nas principais artérias com a pavimentação à moda, varrida pode ser, mas oleosa, suja, mascarada, feia isso é que está e continua a estar. É varre-se a horas impróprias — quando o habitante sai, lavado, para o seu trabalho e as janelas da casa se abrem para arejar os quartos: é a poeira da rua que se levanta e entra, para voltar a ser sacudida para a rua. O nosso prezado colega Comércio de Guimarães insere justíssimas palavras de reparo para a imundície em que se encontra a Praça do Mercado, lá dentro, precisamente à hora das compras. Das portas das casas, por essas ruas fora, saem fedores hediondos e variados. Continuamos a ser uma cidade sem higiene, sem asseio, sem policiamento eficiente, com mendigos profissionais a todas as esquinas, com a garotada barulhenta, heróica na selvajaria, impune na gatu-nagem.

\*

Repetimos os dois versos de *Géraldy*, para ficar assim corrigida a composição do segundo:

*Il me semble que tu devies  
Une femme comme les femmes.*

sujeito às penas da Igreja, inclusivamente a excomunhão.

Mas a construção dos Paços é realmente proibida pela Igreja ou pelos livros santos, para ser contra a fé, como parece concluir-se da interrogação do escrevente?

A isto também respondemos nós. Não. Ela sabe bem o que faz e não comete dessas infantilidades.

Pena é que andem os católicos a comprometerem a nos jornais com as suas inépcias.

2.ª Interrogação — A que propósito vem aqui o chamado dogma e onde vêem o novo dogma que P. é convidado a definir?

Creemos que P. não irá negar que disse que era contra a construção dos Paços do Concelho onde se fere gravemente a Fé.

Ora se é ferida a fé com a construção dos Paços é porque esta vai contra alguma das verdades reveladas e ensinadas pela Santa Igreja.

Ora as verdades da fé são verdades dogmáticas e aí está esclarecido o propósito a que vem o chamado dogma.

Como não conhecemos que esse dogma tivesse sido definido em qualquer concílio, — nem consta das Escrituras, convidamos P. a defini-lo.

3.ª Pergunta — Pretende que lhe cite casos em que a Igreja autoriza o casamento civil. Não fuja-mos à questão. O que nós dissemos é que a Igreja não condena o casamento civil entre os não católicos e mesmo, em certos casos, entre os católicos.

Quanto à primeira parte, nada temos mais que justificar, pois já não faz referência a ela.

Quanto ao casamento entre católicos há casos em que a Igreja não o condena, pois até às vezes se aproveita das cláusulas do Código Civil para a validade do casamento católico. Citamos o canon 1080: «Os que são inábeis pela lei civil para contrair núpcias entre si, por coação legal, nascida da adopção, não podem por força do direito canónico contrair válidamente entre si o matrimónio». Não é isto o reconhecimento do casamento civil?

Porventura foi algum católico censurado ou caiu na alçada das leis canónicas por celebrar o casamento civil antes da *Concordata*?

Admitindo o casamento civil temos de concordar que há-de ser feito em alguma parte e não repugna que sendo este um acto solene, ainda que só na parte civil, haja uma sala reservada para esse fim, mesmo mobiliada com mais algum cuidado. É isto uma capela? Que ideia tão extravagante terá P. acerca do que seja uma capela?

Já agora pouco mais. Concordamos que Guimarães tem direito a melhoramentos como qualquer outra cidade e até mais, mas se os não tem a culpa não será de quem quis dotá-la com um novo edifício de Paços de Concelho, há mais de 25 anos e que não pôde concluir-lo. De aí para cá não é por culpa sua.

Parece que P. veria com bons olhos que fosse destruída e arrazada a rua de Santa Maria e largo da Oliveira, deixando apenas a Colegiada e a Câmara. É realmente uma opinião respeitável. Ficaria até bem um arranha-céus encostado às alhargas da Colegiada e da Casa da Câmara.

Contudo não deixa de ser verdade que isto, que tanto engulho mete a P., é ainda o maior centro de atracção e admiração dos turistas cultos que visitam Guimarães.

Certos que o público virmar-nense, na quase totalidade, desconhece o que mais directamente se relaciona com o projecto e edificação da Basilica, do Templo de S. Torcato, respigamos fugidamente e sem pretensões algumas notas sobre o assunto.

Breves apontamentos lhes chamamos, com propriedade e justiça. Não são factos inteiramente inéditos, portanto, não vão interessar, sabemos-lo, ao erudito, ao investigador.

Não é para ele que escrevemos, mas para o grande público, para a massa anónima, em suma.

Falta-nos o tempo, não nos sobeja o talento e carecidos, falhos de elementos para consulta, não poderíamos apresentar trabalho profundo.

As obras da parte velha do Templo de S. Torcato (antiga capela-mor, sacristia e anexos) iniciaram-se em 1825, a 7 de Março, salvo erro. O projecto, aliás, sem valor artístico, fora concebido pelo arquitecto Luís Inácio de Barros Lima.

Fora este o autor do traçado primitivo que tanto ferira a sensibilidade de Cesário Augusto Pinto, distintíssimo arquitecto, e que cremos foi das pessoas que mais pugnam pela edificação duma autêntica Basilica, de lídimo valor arquitectónico, um Santuário condigno, de linhas sóbrias e elegantes.

Passaram-se os anos e a Irmandade resolveu abrir concurso para aprovação do plano, do projecto para o novo Templo.

As bases, todos os pormenores que se relacionavam com o mencionado certamen foram publicados em diversos jornais portugueses de 1867 e nas revistas da especialidade, bem como nos órgãos das Associações de Arquitectos de Londres, Paris e Berlim.

Os projectos para o novo Santuário estiveram expostos em Lisboa na sala da Companhia das Águas, no Largo do Pelourinho, de 15 a 22 de Outubro do dito ano de 1867 e depois na Cidade Invicta, de 14 a 23 de Novembro.

A 24 de Novembro reuniu-se, numa das salas do Palácio de Cristal, o júri para decidir e deliberar qual dos projectos vindos a concurso para o Santuário seria aprovado. Para o júri de apreciação foram convidados verdadeiros valores, nomes sobejamente conheci-

Poderíamos citar casos, mas não vale a pena.

Damos por finda a nossa missão e creio ser também este o propósito de P.

Antes, porém, queremos confessar que somos católicos e obedientes à Igreja como qualquer. Se não somos mestres de gramática, lógica, teologia ou direito canónico é porque não era essa a nossa vocação e a isso não fomos chamados. Ficamos muito por cá.

O que nos repugna e foi isso que nos chamou à liça é ver a religião misturada com a política, tornando-a odiosa sem que ela para isso tenha concorrido. Atendamos ao que o Papa deseja e ordenou quando falou aos curas de almas italianos: «Quando no púlpito exercerdes o alto e santo officio de pregardes a palavra de Deus, abstende-vos de descer a mesquinhas questões de partidos políticos, a competição ou partes que irritam os ânimos e acendem discórdias que impedem a caridade e prejudicam a vossa dignidade».

ANÓNIMUS.

dos no mundo artístico de então.

Presidira o Visconde de S. Januário, tendo como vogais Joaquim Possidónio da Silva, arquitecto da Casa Real, José da Costa Sequeira, Professor de Architectura da Academia de Belas-Artes de Lisboa, João José Ferreira da Costa, também arquitecto, João Joaquim de Matos, Director das Obras Públicas do Porto, Manuel de Almeida Ribeiro, Mestre da Academia de Belas-Artes, Gustavo Adolfo Gonçalves e Sousa, lente da Politécnica do Porto, José Gomes Monteiro e um Mesário da Irmandade. Não compareceu um dos membros do júri, sendo substituído por João António Correia e a Mesa Administrativa da Irmandade fez-se representar pelo consagrado arquitecto Cesário Augusto Pinto.

Dos três projectos apresentados, e passando-se à sua classificação pelo mérito relativo, foi reputado em 1.º lugar o do arquitecto Luís Bohnstedt, residente em Saxe Coburgo Gotha e em 2.º lugar o do português Luís Caetano Pedro de Avila, residente então em Paris.

Embora o plano de Bohnstedt fosse o premiado, pois «possua maior número de condições e predicados artísticos, revelando maior aptidão e profundidade de conhecimentos técnicos», conforme o parecer do júri, propôs-se que o mesmo projecto e demais esboços do arquitecto do Gotha — a ser edificado — carecia de modificações.

Trocaram-se então centenas de cartas entre o arquitecto Cesário Augusto Pinto e Bohnstedt sobre a construção do novo Santuário, no que respeitava a diversas alterações, em especial no tocante à frontaria, à fachada principal. Nada consta que comprove a vinda a S. Torcato de Bohnstedt. Cesário Augusto substituiu-o, seguindo sempre à risca os planos, desenhos parcelares e esboços do arquitecto Bohnstedt.

O autor do projecto do Santuário fora, pois, Luís Bohnstedt, natural de S. Petersburgo. Cursou as Academias de Belas-Artes de S. Petersburgo, aonde foi Professor, de Berlim e na Itália. Era um arquitecto de grande renome, tendo feito os projectos do Grande Teatro de Riga, concluído em 1863, e do Palácio da Grão-Duquesa Helena.

O outro arquitecto que concorreu, além de Pedro d'Ávila, fora Groux, de Bordeus.

PROF. J. MARTINS LIMA.

## Uma grande empresa

Rectificando a notícia que demos no nosso último número acerca da passagem do 35.º aniversário da importante firma brasileira Martins, Pimenta & C.ª, Lid.ª, de que é sócio o nosso querido amigo sr. Gaspar Lopes Martins, devemos acrescentar que da mesma firma fazem parte também, como sócios, os srs. Alberto de Brito Martins Pimenta e José Alvarez Perez.

O também nosso bom amigo sr. Amaro Lopes Martins, não faz parte daquela sociedade, mas sim da firma Martins & C.ª Lid.ª, com sede na Cidade de Santos (Brasil).

Confie os seus trabalhos à Tipografia IDEAL, na certeza de uma distinta apresentação gráfica. Tel. 4381.

RUA DA RAÍNSA  
GUIMARÃES

# A visita do Dr. GILBERTO FREIRE

O eminente historiador e escritor brasileiro Dr. Gilberto Freire, que está de visita ao nosso país e que seguirá na próxima semana para as Colónias, prossequindo a sua viagem de estudo, esteve em Guimarães, onde chegou na 6.ª-feira à noite, sendo aguardado pela Câmara, Direcção da S. M. S. e outras individualidades de Guimarães, assim como pelos representantes da Imprensa.

O ilustre homem de letras, um dos vultos mais proeminentes da Pátria irmã, vinha acompanhado de sua Esposa e Filhas, de seu Pai e ainda do sr. Dr. Manuel Rino do S. N. I., viajando em carro do Estado.

No Hotel da Penha, onde pernitoitou, foi-lhe oferecido pelo Município um jantar íntimo, no decorrer do qual o Dr. Gilberto Freire foi saudado pelos srs. Manuel Alves de Oliveira, em nome do Município, Coronel Mário Cardoso, presidente da S. M. S. e Dr. Eduardo de Almeida, referindo-se este à personalidade do visitante e à sua obra que muito admira, nos seguintes termos:

*Tenho bem presente a consciência o dever de poupar à tortura impertinente do mole aguaceiro de adjectivos gastos: o profundo respeito que tenho por V. Ex.ª, impõe-me ser breve e a muita admiração que lhe tributo, obriga-me a ser apenas sincero.*

*Ao cair de uma tarde ainda fria de Março, encontrando-me sozinho em Lisboa, por encargo de tarefa profissional, adquiri os dois volumes da obra, que já ouvia nomeada, Casa Grande & Zenzala. Logo e por toda essa noite de sábado como durante o domingo seguinte, no quarto do hotel, passei na meditação intensa e no cuidado estudo de tão profundo como singular monumento. A meus olhos cansados, na já distante quadra de moço, ao debruçar-me sobre tantas longas páginas de tantos volumosos livros, áridos e secos, de história morta e de sociologia deserta e abstracta, ressurgiam vivos, por singular milagre do seu raro e superior engenho, o drama das idades e o drama das construções sociais, e, em especial, estruturalmente, a formação histórica do Brasil, a miscelânea que criou o homem brasileiro, a família e a sociedade brasileiras, com psicologia própria e com personalidade distinta. Os «tempos perdidos», desde que V. Ex.ª e como V. Ex.ª diz, os tomara em contacto nervo a nervo, vieram ao tempo presente, explicando-se e confundindo-se, a mexerem-se diante de nós, em sua nudez e veracidade concretas, tais como foram e tal como é; os mortos agitavam-se, passavam, sofriam, corporiados nos vivos; o sangue estuava através da geração e os corações, os de outrora e os de hoje, batiam de encontro peito a peito.*

*Só então compreendi, em seu verdadeiro sentido e em sua magnífica realidade, o que foi a nossa obra melhor de colonização do Brasil, com suas fraquezas, seus desvios, seus erros, que não vale mais esconder nem dissimular mas com suas poderosas e frutíferas qualidades, heroísmo, trabalho, sacrifício, a nossa desigualável e peculiar adaptação ao ambiente, à natureza, ao amor, de como lhe demos e misturamos o nosso sangue. Vi, como se convivera, real, efectiva, concreta, em suas recônditas entranhas, a família patriarcal portuguesa a transformar-se na família brasileira. E, se mais me desvaneceu o ser de Portugal, mais fundo se me enraizou no coração o meu já devotado afecto ao Brasil.*

*Devo-lhe essas horas de verdadeira cultura espiritual, elaborada sobre investigações aturadas e sentimento penetrante, com tão despreconceituosa imparcialidade de como serena justiça: e, de então, neste pequeno cantinho longe, tem V. Ex.ª em mim um obscuro mas convicto admirador.*

*Confesso: tinha empenho em que, na sua viagem a Portugal, honrasse Guimarães com a sua visita: aqui nascera Martins Sarmiento, que andou escavando pelas citânias mais remotas vestígios da formação do lusitano; aqui nascera Alberto Sampaio, que se devotou a estudar-lo quando, ao descer ao vale, começou a arrotear a gleba, donde nasceu Portugal — e, ali, confinado na estreita faixa do continente, olhou*

ao longe o mar e por ele se aventurou e correu e viveu o drama lusitana, de que nasceu e se criou o Brasil.

*No Teatro de Santa Isabel, ao apresentar V. Ex.ª a sua candidatura a Deputado, disse que todo o seu programa era defender a originalidade do brasileiro. Esse programa, resumo da sua obra monumental, traça uma fisionomia, marca um carácter, define uma personalidade. E é a essa, tão eminente no vasto, vicejante e promissor génio original brasileiro que eu peço licença para humildemente saudar.*

O Dr. Gilberto Freire agradeceu a maneira como Guimarães o acolhera e teve para esta terra palavras da maior admiração, referindo-se ao seu valor histórico e aos seus notáveis filhos.

Ontem de manhã e na companhia da Direcção da S. M. S. e do sr. Dr. Eduardo de Almeida o ilustre visitante percorreu os Museus e Monumentos e foi à Citânia de Briteiros, retirando depois para S. Miguel de Seide, de visita à Casa de Camilo.

\* \* \*

Na sua retirada da nossa terra, o eminente intelectual brasileiro escreveu para o «Notícias de Guimarães» as seguintes palavras:

*Meu velho e bom amigo Nuno Simões já me falara da cordealidade da gente de Guimarães; e eu já encontrara num homem de Guimarães, o Dr. Eduardo de Almeida, fraterna compreensão do sentido lusitano do meu esforço de executor. Mas o modo generoso por que acabo de ser acolhido por Guimarães intelectual excede quanto eu podia esperar do seu carinho.*

GILBERTO FREIRE.

## No Brasil, foi homenageada a Cidade de Guimarães

(Continuação da 1.ª página)

nacionalidade, esse recanto que reproduz na policromia da sua vegetação a beleza duma primavera permanente, essa cidade orgulhosa também de ter sido a terra de nascimento da personalidade ilustre que tanto eleva e engrandece a diplomacia portuguesa e nos honra, hoje, presidindo a esta festa que a nossa Saudade, o nosso civismo e o muito amor a Portugal enviam, neste momento, através o espaço e o silêncio da noite, até àquele cantinho privilegiado e sublime do Minho florido, onde naquele vetusto e tantas vezes secular Castelo parece ainda ouvir-se o eco do patriotismo de Afonso Henriques e outros heróis de antanho a traçar o futuro grandioso do Portugal nascente como descobridor de mundos e dilatador da Fé e do Império Português.

Vossa Excelência, Senhor Embaixador, pelo brilho, pela inteligência, pela elevação com que tem desempenhado altas missões a serviço da nossa Pátria e pela simpatia pessoal que de Vossa Excelência irradia, tem recebido as mais honrosas, as mais justificadas homenagens por parte dos países visitados em representação da Pátria, galardoando-o com as suas mais elevadas condecorações.

A Casa do Minho, Senhor Embaixador, nos seus 27 anos de existência útil, dedicada ao Bem, procurando enaltecer a Pátria, prestando assistência moral e material não apenas aos seus associados mas aos portugueses em geral e mantendo uma escola primária gratuita para ambos os sexos, sem distinção de nacionalidade ou raça, a Escola Dr. Nuno Simões, até agora só concedeu um título de Presidente de Honra, pelos Estatutos outorgado ao nosso prezado comprouvino patrono da Escola.

Permita-nos, Senhor Embaixador, que em reconhecimento ao muito que Vossa Excelência há feito por Portugal e pelos portugueses quer à frente da Embaixada de Portugal no R.º de Janeiro, quer nos outros setores em que tem servido a Portugal, bem como pela

aliciante simpatia e admiração que soube conquistar entre os que formam a Casa do Minho do Rio de Janeiro, seja Vossa Excelência a segunda pessoa a quem outorgamos a prerrogativa de Presidente de Honra da nossa Casa, por deliberação tomada em Assembleia Geral.

Se o título, de algum modo, pode honrar a Vossa Excelência que o recebe, muito mais nos honra a nós, que o concedemos, pois ficará para sempre ligado à nossa coletividade o nome respeitável e prestigioso de Vossa Excelência.

Assim, peço ao Sr. Comendador Albano de Sousa Guise, na dupla qualidade de vimezanense e de um dos maiores beneméritos desta Casa, a fineza de fazer entrega a Vossa Excelência do Diploma de Presidente de Honra da Casa do Minho.

Quero ainda valer-me do ensejo de ser esta a primeira visita oficial do Ex.º Sr. Dr. Carlos de Barros, muito digno Consul Geral, à Casa do Minho, para lhe agradecer a presença e hipotecar os protestos de nosso grande apreço e afirmar a Sua Excelência que no desempenho de seu cargo pode contar sempre com a sincera e desinteressada colaboração desta Sociedade, que sempre tem tido as melhores relações com as autoridades consulares e vê em Sua Excelência o diplomata invulgar que tanto se impôs ao respeito dos portugueses de São Paulo quando dirigiu o respectivo consulado.

Sem desprimor para os demais presentes, consistam que eu agradeça e me congratule muito especialmente pela grata e honrosa presença do nosso querido Sócio Grande Benemérito Ex.º Sr. Comendador Albano de Sousa Guise, vimezanense dos mais patriotas e baírristas e cuja benemerência tanto se tem feito sentir em todas as instituições beneficentes de Guimarães e tantas do Brasil, um dos maiores animadores do engrandecimento do lindíssimo Monte da Penha, em Guimarães, devendo-se ao seu altruísmo a oferta dos sinos da majestosa ermida, inaugurados festivamente por Sua Eminência o Sr. Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, outro minhoto que não honra apenas o Minho nem Portugal, mas a própria Humanidade.

Vossa Excelência, Sr. Comendador Albano Guise, não está conosco somente aqui na galeria de honra: está também nos nossos corações agradecidos.

A's coletividades, representantes da imprensa e a todos os que nos honraram vindo trazer-nos a sua cativante presença, o nosso sincero Muito Obrigado, com os votos de felicidades para todos e os desejos de Paz e Prosperidades para o Brasil e Portugal.

(Discurso do nosso conterrâneo Senhor José Sampaio Fernandes Guimarães):

Ex.º Sr. Dr. António de Faria, muito digno Embaixador de Portugal

A presença de V. Excelência, Sr. Embaixador, na Casa do Minho, nesta casa acolhedora dos nossos patrióticos, é justo motivo para grande satisfação nossa.

E a pátria presente, na pessoa de V. Excelência.

Nós, como fiéis portugueses, transbordantes de imorredoura saudade, nos reverenciamos com o mais fervoroso amor pátrio, herdado de nossos maiores.

Mas, neste momento festivo em que se recorda aquele torrão sagrado, tão cheio de herósmo, onde, pelo braço forte de um filho audaz, se ergueu o altar da pátria, o nosso entusiasmo vai ao cúmulo da satisfação pois que V. Excelência, além da alta dignidade de Embaixador de Portugal junto ao governo deste imenso Brasil, é também pela sua apuradíssima cultura, inteligência e elevado saber, um dos mais ilustres filhos da nobre cidade de Guimarães, da presente geração, e que, para muita honra nossa, preside hoje, como vimezanense ilustre, à solenidade de homenagem que aqui prestamos à cidade de Guimarães, aquela cidade portuguesa de quem o eminentíssimo académico Dr. Gustavo Barroso, em um dos seus notáveis discursos proferidos na Academia de Ciências de Lisboa, referindo-se ao histórico Castelo de Guimarães, disse: — «O Brasil nasceu no dia em que, no Castelo de Guimarães, nasceu Portugal...» E' essa uma verdade histórica, gravada com sangue dos nossos antepassados nas escurecidas pedras do famoso Castelo!

De minha humilde parte, Sr. Embaixador, como vimezanense que também sou, nascido bem perto do lendário Castelo, sinto-me orgulhosamente envaidecido por ter merecido do nosso esforçado e dinâmico presidente sr. Guilherme Alpoim, a subida honra de, em nome da Casa do Minho, saudar V. Ex.º, o mais conspícuo representante da nossa homenagem, e que, para nós portugueses aqui presentes, representa a própria cidade de Guimarães, berço que foi do bravo D. Afonso Henriques, grande patriota e primeiro rei de

Portugal, berço da nossa independência política e berço da nossa nacionalidade

Essa é a histórica cidade de Guimarães, com o seu lendário campo de Salvador, antigo S. Mamede, onde, em 24 de Junho de 1128, segundo reza a história, se feriu a célebre batalha de S. Mamede, entre as forças de F. Afonso Henriques e as de sua mãe Dona Teresa, que, com a vitória de D. Afonso, resultou no primeiro passo da nossa independência política, ficando, como marco histórico, o seu famoso Castelo, o maior de toda a península, com as suas grossas e milenárias muralhas, impondo admiração e respeito, fazendo com que recuemos o nosso pensamento a deliciosas recordações dos passados dias da nossa juventude, quando, ao despontarmos para a vida, viamos, ao longe, a Serra de Santa Catarina, mais conhecida hoje por Serra da Penha, e muitas outras mais, de menores portes, com as suas cercanias e vales, cobertos de lavrados campos, todos aproveitados e cuidados por mãos laboriosas de esforçados homens, que, não só lavram a sagrada terra da qual retiram o rico pão e o melhor vinho, como também, como perfeitos artistas, sabem construir castelos, monumentos, palácios e obras várias, da mais apurada arte, obras que se confundem através dos séculos, como a antiga muralha da Vila de Guimarães, considerada com muita justiça, monumento nacional; o conjunto artístico do edifício da Colegiada, mandado construir por D. João I, em 1386, em comemoração à célebre batalha de Aljubarrota; o admirável Padrão com o seu artístico cruzeiro, trabalhado em pedra com apurado gosto, comemorativo da batalha do Salado; as arrojadas Arcadas Joaninas dos antigos Paços do Concelho, no Largo da Oliveira, com o seu admirável equilíbrio; o Padrão de S. Lázaro, monumento nacional em arte definida de renascimento clássico, obra prima que abriga um formoso cruzeiro em pedra trabalhada; o chafariz do Largo de Martins Sarmiento; e muitas outras mais, como o formidável Castelo em que nasceu D. Afonso Henriques, a Igreja de S. Miguel do Castelo, em que foi baptizado; os Paços dos Duques de Bragança; os grandes Mosteiros, como o de Santa Maria da Oliveira, o de S. Francisco, o de S. Domingos, o de S. Torcato, o da Costa, fundado em 1154, na costa da serra de Santa Catarina, o dos Capuchinhos, o das Dominicãs, o Templo dos Santos Passos com o seu afamado carrilhão de sinos, obra do século 18, onde, anualmente, se realiza uma das mais imponentes procissões do país e a feira anual de S. Gualter que origina as célebres festas Gualterianas, ou festas da cidade, que se prolongam por 6 dias, abrilhantadas por umas 15 bandas de música e com uma exposição de gado bovino e cavalari.

Já que nos referimos a festas tradicionais da nossa cidade de Guimarães, que são muitas, queremos lembrar também uma das que falam à alma da mocidade estudiosa: — a festa de S. Nicolau, essencialmente académica e um grande sonho da mocidade, da qual tivemos a felicidade de ser parte no ano de 1908 —, a qual começa com a entrada triunfal do mais alto pinheiro, acompanhado por estudantes em trajes regionais rufando tambores e caixas, transformando a cidade em um verdadeiro delírio!... Esse é o primeiro grito da festa de S. Nicolau, seguindo-se depois o pregão dirigido às gentis damas da cidade, todos alegres acompanhando o cortejo, vestidos à fantasia, terminando depois com a entrega ao belo sexo das maçanilhas espetadas nas suas lanças de prata enfeitadas com ricas fitas de seda de variadas cores. Assim termina essa grande festa de deixar saudades!

Tudo em Guimarães é encanto, é vida, é beleza, é trabalho e arte de uma grandeza histórica que relembra a estática energia de uma raça forte, que, mesmo através dos séculos, sente ainda lhe correr nas veias a mesma energia dos seus antepassados.

A nossa homenagem, deu à mãe pátria ilustres filhos que bem alto se elevaram, tornando-se dignos das nossas admirações, tanto nas armas como nas letras, nas artes, na ciência e na vida industrial, como sejam: D. Afonso, o primeiro rei de Portugal; Gil Vicente; Papa S. Dâmaso; Frei Rafael de Jesus; Padre Caldas; Padre João Gomes de Oliveira Guimarães; Abade de Tagilde; Francisco Martins Sarmiento; Dr. Alberto Sampaio; Dr. João de Meira; o ilustre médico Dr. António Leite de Faria, digníssimo pai de V. Ex.º Sr. Embaixador; o reitor de Santa Eulália de Fermentões, António José Fernandes Guimarães; Alfredo Pimenta e muitos outros, innumeráveis, que deixamos de mencionar para não fatigarmos a benevolência de V. Ex.º com cousas do seu absoluto conhecimento.

Contudo, como esta homenagem é à cidade de Guimarães, baluarte do Minho, permita-nos não nos silenciarmos ante o que nos oferece o seu desenvolvimento cultural, industrial e comercial.

## Teatro Jordão

HOJE, N'S 15 E 21,30 HORAS

APRESENTA

Errol Flynn - Alexis Smith - S. Z. Sakall em

## Montana, Terra Proibida

(Tecnicolor)

TERÇA-FEIRA, 18 -- N'S 21,30 HORAS

FILME

A DESIGNAR BREVEMENTE

QUINTA-FEIRA, 21 -- N'S 21,30 HORAS

Robert Mitchum - Jane Greer em

## O ARREPENDIDO

Uma produção do maior quilate emocional e de invulgar categoria!!!

SÁBADO, 22 -- N'S 21,30 HORAS

Em Sessão Popular

## A caminho do Inferno

## VITÓRIA SPORT CLUBE

Escola de Jogadores

Todos os desportistas com a idade de 17 a 19 anos que desejarem praticar futebol na categoria de «Júniors» podem fazer a sua apresentação no Campo de Jogos da Amadora ao Treinador Sr. Alexandre Peics, às quartas e sextas-feiras, às 17 horas.

Vitória — Boavista

No Campo da Amorosa realiza-se hoje às 16 horas um encontro entre o Boavista e o Vitória, para retribuição da visita que os vimezanenses fizeram no domingo passado ao Campo do Bessa e de cuja pugna saíram vencidos por 4-1.

## Farmácia da Praça

Deve abrir ao público dentro de breves dias e na Rua de Paio Galvão, uma nova Farmácia, modeladamente montada e de que é proprietário e gerente técnico o nosso prezado amigo sr. Dr. José Machado.

Desejamos-lhe as maiores prosperidades.

Conta com nada menos de 3 jornais, bem escritos e meticolosos; com fartos e ricos museus que guardam grandes preciosidades históricas e até prehistóricas, como o de Nossa Senhora da Oliveira, o do Dr. Alberto Sampaio e o do Dr. Francisco Martins Sarmiento, todos fartamente enriquecidos dos mais admiráveis exemplares.

Além disso, sua vida industrial é uma das mais activas, pois ali se encontram as grandes indústrias de Portugal, desenvolvidas em todos os ramos da sua actividade, como sejam: Fábricas dos afamados linhos, algodão, rendas, bordados, celuloide, calçados e cortumes, cerâmica, cutelarias e muitas outras pequenas indústrias, em cujas fábricas vão muitas famílias buscar, felizes e alegres, com o seu trabalho, o pão de cada dia, — pois é justamente do sadio trabalho, que nos vem a felicidade e a riqueza.

Os filhos de Guimarães, desde o mais modesto homem do campo ao da mais elevada camada social, são sadios e fortes, como fortes são as suas invencíveis muralhas!

Isso talvez provenha do seu admirável clima e das suas maravilhosas águas que brotam fartamente da terra, límpidas e salutares, em fontes prodigiosas!

Essa é a terra que tem dado homens de carácter firme, de feito másculo e de rigidez de atitudes, como o valente D. Afonso Henriques, que, além de filho, é também, por justiça histórica, o patrono da cidade de Guimarães, cidade que está sendo alvo das nossas homenagens e muito dignamente aqui representada pelo seu eminentíssimo filho, o ilustre Senhor Embaixador de Portugal, a quem apresentamos, com toda a nossa reverência, os mais fervorosos aplausos.

# da cidade

## Boletim Elegante

### Aniversários natalícios

**Anlónio José Pereira de Lima** — Na terça-feira, 18, faz anos o nosso querido amigo e respeitável vimezanense, sr. António José Pereira de Lima, que muitos e assinalados serviços tem prestado à sua e nossa terra e que, mercê disso, goza no nosso meio de grande estima e do maior prestígio.

Saudando e abraçando o querido amigo por motivo da sua festa natalícia, queremos de novo formular os nossos votos pela sua saúde, bem preciosa para a família que o estremece e para os numerosos amigos que o admiram e no número dos quais nos contamos.

**José Torcato Ribeiro Júnior** — Naquele mesmo dia faz anos o também nosso prezado amigo e importante industrial, sr. José Torcato Ribeiro Júnior, um nome que tem sabido impor-se à consideração do meio pelas suas excelentes qualidades de trabalho e de carácter e ainda pelos serviços que tem prestado à terra através das instituições de Assistência de que tem feito parte.

Por tudo isso nos associamos às manifestações de simpatia e de amizade que vai receber, abraçando o querido amigo e formulando votos pelas suas maiores prosperidades.

Fazem também anos:

No dia 17, o nosso prezado amigo sr. Artur Fernandes de Freitas; no dia 18, os nossos prezados amigos srs. António Alberto Pimenta Machado, Alberto Gomes da Silva Guimarães e Manuel António de Castro e a sr.ª D. Maria Emilia Marques Rodrigues Cardoso Laranjeiro, esposa do nosso bom amigo sr. Joaquim Laranjeiro dos Reis; no dia 19, o nosso bom amigo sr. conde de Paço Vitorino; no dia 20, a sr.ª D. Maria Delfina do Espírito Santo Alves Neves e o nosso bom amigo sr. Luis Júlio Correia da Cunha e «mademoiselle» Maria Adelaide Almeida Ribeiro; no dia 21, os nossos prezados amigos srs. José Teixeira dos Santos e Manuel Fernandes de Freitas; no dia 22, «mademoiselle» Maria da Conceição Alves Bastos; no dia 23, os nossos prezados amigos srs. António Alves Ferreira e João Saraiva de Carvalho Brandão. «Notícias de Guimarães» apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

### Partidas e chegadas

#### Comendador Albano de Sousa Guise

Vindo do Rio Janeiro, por via aérea e para visitar sua esposa e filhos, que há meses se encontram em Portugal, chegou a Lisboa na 2.ª-feira, o nosso querido amigo e muito estimado conterrâneo sr. Comendador Albano de Sousa Guise, benemérito das Casas de Assistência de Guimarães e vimezanense dos que melhor têm sabido prestigiar, lá longe, o nome da sua Terra.

Aquele nosso querido amigo que vem a Portugal para «matar saudades» e abraçar os seus entes queridos, tenciona demorar-se pouco tempo entre nós, e já chegou a esta cidade, onde será abraçado por todos aqueles que tanto o admiram e estimam.

«Notícias de Guimarães» dá-lhe as suas boas vindas e sinceramente o abraça, formulando votos pela continuação da sua preciosa saúde e crescentes prosperidades.

**Visconde de Cortegaça** — Deu-nos a honra da sua visita o ilustre Magistrado Senhor Doutor António de Magalhães Barros Araújo Queiroz, Visconde de Cortegaça e Juiz Conselheiro, recentemente aposentado, do Supremo Tribunal de Justiça, escritor e etnólogo muito distinto, a quem agradecemos não só o prazer dos momentos de agradável conversa que nos proporcionou, mas também as amáveis referências feitas ao nosso jornal.

**Jornalista José Agostinho das Neves** — Deu-nos o prazer da sua visita o nosso ilustre Camarada José Agostinho das Neves, delegado do «Jornal de Notícias» em Paris, que se fazia acompanhar de sua esposa, madame Marguerite Denège, distinta escritora parisiense e de sua galante filhinha.

Muito gratos pela visita. **Acúrcio Pereira** — Deu-nos o prazer da sua visita o nosso ilustre Camarada e Amigo, sr. Acúrcio Pereira, Chefe da Redacção de «O Século» que, com sua esposa, seguiu para Carvalhelhos (Boticas), onde vai fazer uma cura de águas. Gratos pela sua honrosa visita.

## Internato anexo ao Liceu de Guimarães

O Internato Liceal mais antigo, amplo e higiénico  
EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA

Os alunos são matriculados no Liceu, no mesmo edificio  
ADMISSÃO AOS LICEUS Pensão anual, 4.000\$00

DIRECTOR,

P.º José Carlos Simões Veloso de Almeida.

377

### Casamento

Na igreja paroquial de Urgezês e na pretérita segunda-feira, consorciaram-se a sr.ª D. Ana de Oliveira Teixeira, filha da senhora D. Augusta Garcia e do nosso amigo sr. Avelino Teixeira, e o sr. José António André Macedo de Magalhães, filho da senhora D. Carolina Alves Macedo e do também nosso amigo sr. Domingos André de Magalhães.

Testemunharam, por parte da noiva, seu irmão o sr. José Teixeira, industrial em Moreira de Cónegos, e esposa a senhora D. Arminda Dias Teixeira, e por parte do noivo, seus tios, o nosso amigo sr. Manuel Alves Machado e esposa a senhora D. Josefa Alves Macedo.

Aos noivos desejamos as maiores venturas.

### Doentes

Tem estado doente, internado no Hospital de S. Domingos, de onde agora retirou com alta, o nosso amigo sr. Mário Lopes Barroso.

Tem passado doente a sr.ª D. Maria da Natividade da Silva Bastos.

Tem passado doente o nosso prezado amigo sr. António Guilherme Saavedra.

Na Póvoa de Varzim tem passado bastante doentinha uma filha do nosso prezado amigo sr. Dr. Carlos Saraiva.

Também têm passado doentes a esposa e filho sr. Mário Emilio, do nosso prezado amigo sr. Joaquim d'Almeida Guimarães.

Desejamos o pronto restabelecimento dos doentes.

## Falec. e Sufrágios

### D. Maria das Dores Saraiva

Após cruciantes sofrimentos e confortada com todos os sacramentos da Santa Madre Igreja, finou-se na sua Casa do Ermo, em S. Lourenço de Selho, esta bondosa Senhora, esposa amantíssima do nosso prezado amigo sr. Manuel Vaz Saraiva, proprietário, e mãe estremosa da sr.ª D. Luísa Vaz Saraiva e dos srs. José Vaz Saraiva, António Vaz Saraiva, João Vaz Saraiva e Jerónimo Vaz Saraiva.

O funeral, que se realizou no passado dia 12, pelas 9 horas de manhã, constituiu uma verdadeira manifestação de pesar, nele se tendo incorporado todas as pessoas gradadas da freguesia e das limítrofes e de muitas outras mais distantes.

A toda a família dorida, apresentamos sentidas condolências.

## Diversas Notícias

### Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Barbosa, ao Largo do Toural.

### Desastre de automóvel

Por ter ficado ferido num desastre de automóvel ocorrido perto da Trofa, na passada quinta-feira, foi socorrido no Hospital de Santo António, do Porto, após o que recolheu a sua casa nesta cidade, o nosso prezado amigo sr. António Martins Ribeiro da Silva, conceituado industrial local, a quem desejamos o mais breve restabelecimento.

A Tipografia Ideal é uma casa nova com material novo, possui pessoal competente e os seus preços são honestos.  
Telefone, 4381

## Colégio de N. Senhora da Conceição

CAMPO DA FEIRA

PARA MENINAS

INSTRUÇÃO PRIMÁRIA E SECUNDÁRIA

Dirigido por RELIGIOSAS FRANCISCANAS

Educação familiar esmerada • Os melhores resultados nos exames oficiais • PREÇOS MÓDICOS

NOTA — Este Colégio é propriedade da Irmandade dos Santos Passos e os saídos são a sustentação do seu Asilo.

378

# A Rainha D. Teresa Sul de Angola PALAVRAS CRUZADAS

(Continuação da 1.ª página)

historiador, Alexandre Herculano, como se vê destas palavras:

*«A história deve ser indulgente para esta mulher que nas duras horas de Rainha soube ser épica, heroína, patriótica e diplomática, absolvendo-a da sua levandade de mulher formosa, reclinada a esculptural cabeça no peito de Fernando Peres de Trava».*

Por este mesmo diapasão de bem entendida indulgência afinaram, pode dizer-se, todos os escritores e historiadores. O próprio cónego Gaspar Estácio, ornamento da nossa Colegiada, no século XVII, buscando atenuantes à «dulcíssima Terásia», afirma que ela não fôra amante, mas mulher lídima à face da Igreja, desse leal cavaleiro galego, o conde de Trava.

Pinheiro Chagas, também vindo ao libelo, é condizente em afirmar: que D. Teresa *«soube prosseguir audaciosamente na luta começada, e não traiu os interesses da nacionalidade portuguesa».*

Gama Barros, em «História da Administração Pública em Portugal», reforça com a sua extraordinária autoridade de historiador probo, o valimento da Rainha:

*«A ideia da independência... cresce na regência da viúva do Conde D. Henrique, pois continua com destreza a obra da emancipação de Portugal».*

Recrudescer, continua nela, *«com destreza, a obra da emancipação de Portugal».*

Outro escritor, Zeferino Cândido, curvando-se perante o vulto excelso desta mulher ultrajada, depõe, por esta maneira, em seu abono:

*«Não podemos deixar de admirar em D. Teresa o seu trabalho incessante para conseguir, dentro do seu condado, a harmonia e a unidade, que dão a Portugal uma forma integral, que não se obteve em nenhum outro ponto dos vastos domínios cristãos».*

Quanto aos seus amores com o Conde Galego — um Grande de Espanha — acrescenta o mesmo escritor:

*«O castigo de um erro que, medido pelos costumes do tempo, estava longe de ser imperdoável, parece-nos demasiado severo».*

Compreende-se: Os enciumados barões portugueses, insofridos, recebendo perder a oportunidade do advento da independência, tomaram o Infante por escudo; acusaram a Rainha de «traidora», que «ao filho negava o amor e a terra». A paixão do momento não os deixou ver claro.

Quanto a nós, para bem julgarmos, não nos cinjamos demasiado à crónica que nos fala da luta travada no campo de batalha em que foram contendores a mãe e o filho; porquanto, como escreve Oliveira Martins:

*«Não é esta a única ocasião em que vemos erguerem-se em armas os filhos contra os pais, os irmãos contra as irmãs, como prova de que os sentimentos andavam prevencidos pelos instintos brutais, e os vínculos de família eram apenas laços tênues que se rompiam ao impulso de qualquer exigência da cólera ou da ambição».*

Há, pois, que recuar-se ao século XII para bem se poder, à face da moral e dos costumes da época, julgar os factos e as personagens que lhe são inerentes.

Assim procedeu um escritor brasileiro, transpondo-se aos

tempos idos, para com justiça apreciar, julgar as aspirações que animavam o ânimo viril, astuto e engenhoso da nobre mulher medieval que foi a Rainha D. Teresa.

Escreve Fra Pacheco:

*«Se vingassem os planos de Teresa... a divisória do oeste peninsular, transfundir-se-ia numa realidade, porque abrangia a Galiza».*

Sim, o pensamento político dessa mulher de Estado, visava longe. Queria uma pátria étnica e geograficamente dilatada, tal como ainda mais tarde a anteviam muitos portugueses do século passado, sonhando o pensamento político da União Ibérica — embora visionariamente errado.

Ora, como se vê, havendo sido julgada D. Teresa por maneira tão elevada e conceituosa nos pareceres críticos dos melhores escritores e historiadores, — por que a afastam os vimaraneses da consagração pública, recusando-lhe o direito, a justiça de darem o seu nome a uma rua do burgo — aqui, em Guimarães, onde ela teve a sua Corte e gerou o seu filho D. Afonso Henriques?...

Fecho este meu preito de homenagem com estas palavras de D. João de Castro, há pouco publicadas:

*«D. Teresa, a primeira que na nossa terra usou título de Rainha, pode até considerar-se como a alma-mãe da nossa nacionalidade. Lutando sempre, depois de casada, e ainda mais depois de viúva, contra sua irmã D. Urraca de Leão, nunca esmoreceu no propósito de concluir a obra iniciada pelo marido, nem no esforço de conservar sempre firmes e de pé em volta do seu condado, os marcos fronteiros que, nove anos depois da sua morte, deviam de transformar-se em padrões de um verdadeiro reino. Apesar dos seus erros de mulher, foi de facto uma Rainha bem digna da fama e dos feitos de seu pai, o Imperador».*

E a concluir:

*«D. Afonso Henriques deveu-lhe, quase tanto como os seus barões, a coroa que insofridamente ambicionou e soube afinal merecer».*

Cumpra, conseqüentemente, a nossa geração o seu dever cívico e patriótico, reabilitando, quanto possa, a 1.ª Rainha dos portugueses.

Será isto insensato?

Quinta das Aves

A. L. DE CARVALHO.

Minha Senhora:

**Século XX** é a marca do melhor calçado que se fabrica em Portugal e é um rigoroso exclusivo da

**SAPATARIA LUSO**

**OLIVEIRA & MAGALHÃES, L.º**

Sede no lugar da Vaza Negra, freguesia de Urgosos, concelho de Guimarães

Faz-se público que, por escritura de 30 de Agosto de 1951, lavrada no livro de notas n.º 577, a fl. 45, do notário da secretaria notarial bacharel Ernesto Ramos Faisca, foi alterado o pacto social da firma acima referida, passando o artigo 8.º a ter a seguinte redacção:

Artigo 8.º

A gerência e a administração de todos os negócios da sociedade serão exercidas pelo sócio Manuel de Magalhães, que desde já fica nomeado.

## Alguns aspectos do Distrito de Huíla há mais de trinta anos

Ao Ex.º Sr. Dr. Eduardo de Almeida, homenagem muito grata.

A Indústria limitava-se a algumas oficinas de consertos de carros boers, uma ou outra carpintaria, alguns ferreiros e serralheiros e marceneiros.

Destacava-se porém uma moagem a vapor, instalada nos subúrbios do Lubango, com fabrico de massas e bolachas.

Era a única que existia então, e em todo o Distrito de Mossamedes uma outra de conservas.

Havia uns fornos de cal, de produção intermitente, e na Missão da Huíla o fabrico de telha e tijolo.

A Missão da Huíla é que concentrava as actividades industriais nascentes e dali saíram operários e artífices para a construção civil.

Entre todos destacavam-se os canteiros que trabalhavam na construção da Igreja da Missão, sob a direcção do Superior Monsenhor Bonnefoux.

Ali se fariam experiências de extracção de óleos de muitas oleaginosas que abundam naquelas terras e se fabricava sabão em quantidades reduzidas, visto esta indústria estar muito desenvolvida na colónia com uma fábrica em Luanda, que abastecia toda a Angola e exportava.

Outra indústria que se tentava, então, era a dos cortumes, exercida por processos muito primitivos pelos boers e para seu consumo próprio e que na Missão já se praticava por melhores processos, especialmente o preparo de peles de caça, que era a única existente.

Depois, aí talvez por 1920, veio para a Humpata um colono que montou uma fábrica de cortumes, que tem prosperado e abastece toda a Província e também exporta — é a de António Peão.

Com as novas construções que, desde 1920, se começaram a fazer no Planalto, desenvolveu-se extraordinariamente a indústria de cal, cal hidráulica e de cimento, de que há infindável matéria prima.

A par desta a da Olaria, quer no Planalto, quer no Forte Roçadas, servem todo o Distrito e Colónia.

E não me recordo de qualquer outra indústria nascente, a não ser a dos produtos pecuários, que fará parte de outro capítulo.

Continua.

A. DE QUADROS FLORES.

Anuncial no NOTÍCIAS DE GUIMARÃES

VENI AÍ

## NÉCTAR

O que será Néctar?

gerente, sem remuneração e com dispensa de caução.

E, conseqüentemente, eliminam o § único do mesmo artigo.

Secretaria Notarial de Guimarães, 4 de Setembro de 1951.

O Ajudante,

Martinho da Silva.

## DECLARAÇÃO

O abaixo assinado, Joaquim da Silva, proprietário da Pensão de Guimarães e da Pensão da Montanha, vem declarar que se não responsabiliza por quaisquer dívidas que sejam contraídas por seu filho António da Costa e Silva, menor de 16 anos, residente nesta cidade.

Guimarães, 12 de Setembro de 1951.

Joaquim da Silva.

Sempre que V. Ex.ª precise de trabalhos tipográficos, o telefone da TIPOGRAFIA IDEAL é o 4381.



COM O ACREDITADO

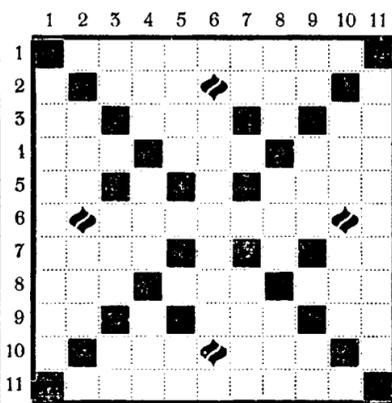
MIN-HOR

(não é tintura) os cabelos regressam, pouco a pouco, lentamente, à cor perdida

VENDE-SE na FARMÁCIA HÓRUS — Guimarães

(SECÇÃO DE «OCAMELET»)

PROBLEMA N.º 10



**Horizontais:** 1) Alimentas. 2) Fruta duma planta brasileira, mais conhecida por fruta-do-conde; gritos de dor. 3) Prep.; pron. pess.; poeira. 4) Pelos de alguns animais; constelação austral; escassamente. 5) Carta de jogar; ofendi. 6) Fabricante de objectos de prata. 7) Povo que ocupava o Perú, quando os espanhóis o conquistaram; nota musical. 8) Frívolo; óxido de cálcio, que forma a base de muitos compostos; abismo. 9) Conj. (desig. alternativa); coragem!; escarnece. 10) Morada das almas dos justos; prep. a e art. (pl). 11) Aposentos tristes e sombrios.

**Verticais:** 1) Condicional (pl). 2) Cãhamos da Índia; tripulação. 3) Nociva; insignificante; cabelo branco. 4) Mesmo; pron. pess.; nome de letra (pl). 5) Caixa de madeira, revestida de couro; numeral cardinal. 6) Melhoras. 7) Forma pop. proclítica do adv. não; luz da lua. 8) Sinal gráfico que serve para nasalizar a vogal a que se sobrepõe; mau humor; Senhor (pop.). 9) Indivíduo de grande valor; mesada; curada. 10) Semelhante; Pátria. 11) Monge.

## SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9

**Horizontais:** 1) Mi; lá; fé; la. 2) Mó; ut. 3) Tu; véu; em. 4) Pá; ir; ar. 5) Bé; ou. 6) Mó; axe; li. 7) Ai; só. 8) Oh; ac; fá; xa. 9) As; apo; ao. 10) Es; Ti. 11) Ei; ih; do.

**Verticais:** 1) Me; pé; pó; dê. 2) Tá; há. 3) Mu; boa; sé. 4) ló; ré; ia; si. 5) Vá; cá. 6) Vê; axa; pi. 7) Ui; fô. 8) Eu; ró; sá; tó. 9) Té; ulo; ai. 10) Má; xó. 11) Ah; ri; pá; ru.



O CALÇADO IDEAL PARA CRIANÇAS

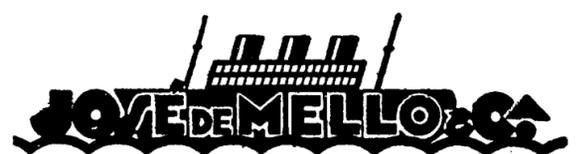
ANDA MUITO  
BRINCA MUITO  
DURA MUITO...

198

UM EXCLUSIVO DA "SAPATARIA LUSO"

## Agentes Transitários e Camionistas

Encarregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação. Sua Recolha ou entrega no Domicílio.



Casa fundada em 1882

ESCRITÓRIOS: Rua Nova de Alfândega n.º 67 — PORTO com Armazém de Retem e Depósitos (Área coberta: 3.000 metros quadrados)

EM MATOSINHOS:

R. de Brito Capelo n.º 912 e R. de Roberto Ivens n.º 903 Telefones: 21073 e 21074 — Mat. 647 — Est. 57

Assina o NOTÍCIAS DE GUIMARÃES

# Grande Colégio Universal

NO PORTO: Rua da Boavista, 168 — Telefone: 24250

INSTITUTO DE FORMAÇÃO CATÓLICA PARA RAPAZES

INTERNATO, SEMI-INTERNATO E EXTERNATO

INSTRUÇÃO PRIMÁRIA, ADMISSÃO AOS LICEUS E CURSO COMPLETO DOS LICEUS

Direcção { P.ª Dr. Valente Pombo  
P.ª Dr. Lopes Rodrigues  
P.ª A. Abreu Freire

Situado perto da PRAÇA DA REPÚBLICA, é servido pelos eléctricos das linhas 16-17-7-8-6 e por todos os que se dirigem à Foz, via Carvalhosa.

O GRANDE COLÉGIO UNIVERSAL CONTINUA A MANTER A SUA TRADIÇÃO DE GRANDE COLÉGIO